



www.observatoriodacritica.com.br

Continuação da tréplica de Marcelo Coelho a Flora Süssekind

Blog Marcelo Coelho – Folha Online
07/05/2010 às 02:33

Disponível em:

http://marcelocoelho.folha.blog.uol.com.br/arch2010-05-01_2010-05-31.html. Acesso em 20 maio. 2010.

Flora Sussekind e a crítica (2)

Por Marcelo Coelho

Retomo o comentário feito em post anterior sobre o artigo de Flora Sussekind, disponível no Globo Online. Para quem o lê de cabo a rabo, fica a impressão de uma dissonância entre o tom apaixonado, de “manifesto”, e o tom afinal meio esmaecido de suas propostas.

Ela se insurge contra três artigos que continham elogios, se não a Wilson Martins, ao lugar que ele ocupava no debate literário. Haveria nesses elogios muita nostalgia por uma espécie de “pureza” da literatura. A transformação de Wilson Martins em “imago exemplar” (?)

Parece expor inequívoca vontade a algo próximo à tradição das Belas Letras, a um regime estável e hierarquizado de vozes e gêneros, a regras fixas de apreciação e prática textual, a um apagamento de novos espaços de legibilidade, espaços ainda não demarcados ou nomeados, e sugeridos por formas de compreensão expansivas, e não exclusivas, do campo da literatura.

Muito bem: seria o caso, então, de considerar inútil a velha avaliação dos lançamentos do mercado editorial em termos de sua qualidade literária? Wilson Martins estaria errado ao hierarquizar vozes e gêneros?

Talvez não. Talvez essa abordagem, com as “regras de apreciação” costumeiras, que nos fazem considerar Graciliano Ramos superior a Paulo Coelho, deva continuar. E talvez estejam certos os que

dizem que o espaço para esse tipo de coisa diminuiu nos dias de hoje, com um resenhistismo muitas vezes sumário, resumido demais.

O ponto de Sussekind é que há um conservadorismo implícito nos lamentos a respeito dessa diminuição. O resenhista-relâmpago e a literatura “sem potencial de instabilização” se merecem.

É preciso, diz ela,

Definir outros espaços de atuação e trânsito, lugares não demarcados (retroativamente) pelo beletismo redivivo, nem pelas identidades estáveis do resenhista, do prefaciador, do professor judicativo, do ficcionista auto-mimético.

Novamente, a condenação é tão genérica que funciona como um guarda-chuva gigantesco, no qual cabe tudo o de que a autora não goste, mas também tudo o que normalmente se entende por “literatura”.

Ela diria que esse “normalmente” é uma palavra conservadora também... Mas o que sobra, depois dessa condenação total aos beletristas, aos auto-miméticos, aos livros que não instabilizam, que são incapazes de “reinventar a sua sociabilidade”, que são incapazes de “produzir condições outras para a própria prática”?

Sobram... os poemas de Carlito Azevedo (que “reinventa a própria dicção em meio à tensão entre o poema como narrativa e percurso e a sua dramatização interna em estações imagéticas instáveis”). Seja lá o que for isso –e faltaria, em vez de uma longa peça acusatória contra tudo e todos os outros, dar exemplos da proeza de Carlito Azevedo--, será que é só Carlito Azevedo quem instabiliza o campo literário hoje em dia no Brasil?

Flora Sussekind diz que não. Há também Bia Lessa e Maria Borba, diretoras de teatro, e Rodolfo Caesar, que é compositor mas escreveu um livro também, no qual “escrita e escuta se desdobram e interferem, potencializando o campo de tensões em que se investiga a experiência composicional”. E também Nuno Ramos, “que, em livros como *Cujo* e *Ó* (Iluminuras), adquire um nível singular de presença, parecendo intensificar-se exatamente pelo lugar de fora em que se processam essas intervenções.”

O artigo de Flora Sussekind termina com essa frase. Faltou demonstrar, primeiro, como e por que Nuno Ramos e Carlito Azevedo são exceções no panorama. Segundo, se não há muito mais gente fazendo o que eles fazem, seja lá o que estejam fazendo na

interpretação sussekindiana. Terceiro, quem é que –fora Mirisola e Patrícia Melo– se insere no padrão auto-mimético e (coitado do Mirisola!) mercadológico.

Mas explicar tudo isso, apontar os autores que “instabilizam” e criticar os que “não instabilizam” exigiria muito mais espaço do que o artigo de Sussekind ocupa.

Exigiria, na verdade, que Flora Sussekind escrevesse semanalmente num jornal ou na internet, avaliando segundo esses critérios (fixos?) a produção contemporânea... algo como Wilson Martins costumava fazer, segundo os critérios dele, é claro.